

INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte *Gazeta do Povo (PR)*
Data *29/4/2000* Pg *16*
Class. *Xetá*

DEMARCAÇÃO DE ÁREA

Funai aprova reserva para tribo xetá

Dizimada nos anos 50, etnia está praticamente extinta

UMUARAMA – CHEGOU A BRASÍLIA esta semana o parecer que aprova os estudos de viabilidade para a criação de uma reserva dos remanescentes dos índios xetás no Noroeste do Paraná, com aprovação da Funai. O parecer foi elaborado por um grupo de trabalho constituído pela Funai, Assessoria de Assuntos Indígenas do Governo do Paraná, Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Coordenadoria do Patrimônio Histórico do Paraná, lideranças indígenas do estado e representantes dos xetás.

Segundo o assessor especial para assuntos indígenas do Paraná, Edívio Batistelli, a criação da reserva está praticamente garantida e o próximo passo seria a formação de um novo grupo de estudos. O novo grupo cuidaria da demarcação e, posteriormente, homologação da área destinada aos xetás.

A área em estudos ficaria no distrito de Serra dos Dourados, município de Umuarama, no local onde os indígenas foram contatados pela primeira vez, na década de 50. Hoje só restam oito xetás – cinco homens e três mulheres. Apenas quatro falam a língua materna.

Última tribo indígena contatada pelo branco no Paraná, os xetás estão praticamente extintos. A maioria morreu de “doenças de branco”, como gripe, pneumonia e tuberculose. Antes

MEMÓRIA

Estátua e gibi lembram grupo

Hoje, a memória xetá em Umuarama se resume à estátua do Bosque do Índio e ao personagem “Umuaraminha”, usado em campanhas educativas e gibis da prefeitura. O personagem foi criado por Marcos Vaz, cartunista umuaramense radicado em Curitiba. Em Umuarama, a única remanescente pura da tribo xetá é a empregada doméstica Maria Rosa Brasil Tiguá, de 50 anos, totalmente aculturada e com filhos e neto brancos.

dos contatos, sobreviviam como caçadores e coletores, sem praticar a agricultura.

Relegados ao abandono, cinco dos remanescentes da tribo moram em áreas indígenas das tribos caingangue e guarani, nos municípios de Pitanga, Guarapuava, São Jerônimo da Serra e Nova Laranjeiras. Os outros três vivem em cidades, totalmente aculturados e miscigenados.

Do ponto de vista genético, a raça está praticamente perdida, mas, segundo Batistelli, o cruzamento de xetás com caingangues e guaranis, aliado a um esforço de resgate cultural, ainda pode evitar o fim da cultura xetá. “É o pagamento de um débito histórico que pode representar pelo menos a sobrevivência física e a manutenção de parte dos valores culturais da tribo.”

de ALEXANDRE HORNER